

Representações de Masculinidades e de Feminilidades em Romances de Amor de Bancas de Revista das Décadas de 1980-1990¹

Kryсна Pereira da Silva²

Roney Paulo da Silva³

Roberta Manuela Barros de Andrade⁴

Thainan Freitas de Oliveira⁵

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE

Resumo

A violência contra a mulher é uma prática rotineira na sociedade brasileira que se legitima, naturaliza e se romantiza nos mais variados produtos da indústria cultural. É, porém, nos romances de amor que essa cultura da violência se constrói de forma mais exemplar. Neste contexto nos indagamos: como as representações sobre o masculino e sobre o feminino, presentes nestas obras, fundamentam situações nas quais a violência contra a mulher é naturalizada, legitimada e romantizada? Para isso realizamos uma análise de discurso de oito romances vendidos em bancas de revistas durante os anos de 1980-1990 com o intuito de compreender como as representações sobre o masculino e o feminino ali presentes justificam a existência de relacionamentos abusivos.

PALAVRAS-CHAVE: Romances de Amor; Violência de Gênero; Masculinidades; Feminilidades; Bancas de Revista.

1. Violência de Gênero, Romantização e Histórias de Amor

A violência contra mulher é um problema recorrente na sociedade brasileira. De acordo com Atlas da Violência (2020, p. 34), “em 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil habitantes do sexo feminino”. Porém, não é só de assassinatos que a violência contra a mulher se alimenta. Os estupros são um dos atos de violência de gênero mais corriqueiros em nosso país. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020) demonstra que um crime de estupro é registrado a cada oito minutos no Brasil. Porém, em cerca de 70% dos casos, os estupros são cometidos por parentes, namorados ou amigos/conhecidos da vítima, o que indica que o principal inimigo está dentro de casa e que a violência nasce dentro dos lares (IPEA, 2014). Em muitos casos, a violência sexual se dá a partir da instituição de um relacionamento amoroso anterior ou presente

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do sexto semestre de bacharelado em Ciências Sociais na UECE, email: pereirakryсна@gmail.com

³ Graduando do sétimo semestre de licenciatura em Ciências Sociais na UECE, email: hiato404@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Graduada em Comunicação Social (UFC), mestre e doutora em Sociologia (UFC), Professora do curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), email: manubarrosster@gmail.com

⁵ Graduanda do terceiro semestre de licenciatura em Ciências Sociais na UECE, email: thainanfreitas@gmail.com

com o agressor. É, pois, através da introjecção de uma determinada gramática amorosa que a violência de gênero é justificada, legitimada e naturalizada como algo normal e corriqueiro em qualquer relação apaixonada.

Este processo de naturalização da violência contra as mulheres que incentiva a tolerância da sociedade à violência contra as mulheres é construído simbolicamente em várias instâncias sociais diferentes, mas a que melhor encarna seus efeitos mais devastadores está na indústria cultural. Neste contexto, a naturalização da violência contra a mulher pode ser observada em produtos culturais produzidos e consumidos em distintos lugares do mundo. Ela está presente nos filmes, nas canções, nas peças de teatro, na dança, na pintura, na fotografia e na literatura. Para efeitos desta pesquisa, nos debruçamos sobre os processos de naturalização e romantização da violência contra a mulher na literatura. Para tal, selecionamos como objeto de reflexão o gênero literário mais consumido mundo afora, o romance sentimental, pois, acreditamos como Andrade e Silva (2020) que é nas histórias de amor que as mulheres aprendem de forma mais organizada e roteirizada a naturalizar a violência de gênero como algo essencial e até mesmo desejável nos relacionamentos românticos.

No Brasil, a literatura de cunho mais popular é a que tem melhor introjectado a violência como elemento importante na construção da gramática amorosa que guia os relacionamentos românticos. Em especial, destacamos a relevância dos romances sentimentais vendidos em bancas de revista no Brasil, durante os anos de 1980 e 1990, como exemplares para essa discussão. Essas obras, publicadas neste período, em esquema massivo, pela editora Abril Cultural, sob o selo Romances do Coração, possuíam em comum a romantização da violência contra a mulher em seus livros. Nesse sentido, compreendemos que a violência contra a mulher que ali se desenha é uma expressão de uma masculinidade perversa que se ancora no pressuposto de que a violência de gênero pode estar presente em uma relação à medida que o parceiro agressivo e abusivo nada mais é do que ser apaixonado.

No enredo dos romances dos anos de 1980, a figura masculina é representada como um homem rico, atraente e poderoso que cai de amores pela mocinha da história. Porém, esse protagonista detém uma voracidade de poder na relação que exige um controle constante sobre a parceira. Quando o protagonista da obra é desafiado pela sua companheira, se negando a realizar uma de suas inúmeras vontades, o herói dessas

histórias se utiliza da violência física, psicológica, verbal e sexual, como forma de subjugar a mocinha do romance, deixando-a sempre sobre o seu domínio.

Porém, se nestes livros os protagonistas assumem uma posição de domínio sobre as mulheres que culmina, quase sempre, em vários tipos de violência, desde a psicológica a sexual, esta atitude se baseia nas representações sobre o feminino e sobre o masculino que essas obras ajudam a construir. Assim, partimos do pressuposto de que a violência presente nos romances sentimentais populares desse período se justifica, legítima e se naturaliza nas representações correntes sobre o que é ser homem e mulher que esta literatura difunde.

Neste contexto, as representações sobre masculinidades e feminilidades aparecem, nestes romances, como pano de fundo dos vários níveis de violência contra a mulher que essas obras desenham. Neste contexto, indaga-se: como as personagens dizem o que é ser homem e mulher nestas obras? Qual a relação entre essas representações e a violência contra a mulher ali defendida, naturalizada e romantizada? Neste contexto, este trabalho pretende compreender como a narrativa romântica presente nessas obras constrói representações sobre o masculino e sobre o feminino que desembocam em posicionamentos que fundamentam a violência de gênero que esses romances acampam.

Para materializar tal intento, realizamos uma análise de discurso de oito romances exemplares muito populares nos anos de 1980 e 1990 nas bancas de revista Brasil afora, nomeadamente “Caminhos do Perdão” (HOLLAND, 1982), “O homem dos olhos de aço” (HAMPSON, 1991), “Suspeita” (HOLLANDA, 1982), “Viagem sem volta” (CRAVEN, 1988), “O vento das estepes” (CASEY, 1982), “Um homem sem compaixão” (HAMPSON, 1977), “O preço de amar” (JORDAN, 1997) e “Mulher comprada” (WHITTAL, 1982). Assim, nos apropriamos metodologicamente para construir nossa análise da hermenêutica de profundidade de Thompson (1995, p.375) que consiste na tentativa de “dar uma explicação interpretativa do que está representando ou do que é dito” em uma dada seleção de textos.). Para Thompson (1995), através do que ele chama de método de construção da mensagem, é possível explorar palavras e imagens, bem como:

[...] os ângulos, as cores, as sequências das imagens usadas; a sintaxe, o estilo e o tom da linguagem empregada; a estrutura da narração ou o argumento; o quanto a estrutura narrativa ou argumentativa dá lugar a

subenredos, à digressão ou a discordâncias [...] as maneiras como a tensão narrativa se combina com características como humor, sexualidade e violência; as interconexões entre programas que fazer parte de uma sequência finita ou aberta; e assim por diante (THOMPSON, 1995, p.394).

Nesta lógica, vamos dar mais ênfase aos elementos que compõem o enredo dessas obras bem como aos diálogos que lhes dão respaldo porque é neles que se manifestam de forma mais clara os padrões de masculinidade e feminilidade presentes nas obras selecionadas. Nestes diálogos, as posturas, atitudes, comportamentos das personagens revelam com maior clareza como se constrói o que é ser homem e mulher nestes romances e de que forma essa construção legítima, naturaliza e romantiza a violência contra a mulher.

2. Cultura Local, Biologia e Violência de Gênero

No Brasil, assim como em várias partes do mundo, há a disseminação de uma cultura que defende a ideia de que as relações amorosas podem, e em certas situações, devem carregar dentro de si níveis variados de violência contra a mulher. Para Campos et alli (2017), há sempre uma expectativa de as relações sexuais heteronormativas sejam abusivas, e quando o modelo esperado socialmente do comportamento feminino em relação à sexualidade é o de ser discreta, não tomar a iniciativa declarada do ato sexual, mas, seduzir e provocar o desejo masculino, constroem-se as dúvidas sobre se houve verdadeiramente violência sexual, pois credita-se que, nestes casos, a “não resistência” da mulher durante o ato ou a sua provocação, nega a existência da violência, já que no fundo, “é o que as mulheres querem”.

Contudo, nestes romances, essas expectativas se constroem entrelaçadas com um ufanismo que enaltece a cultura local do homem (sempre superior) que justifica a submissão da mulher a hábitos e costumes que, mesmo a constroendo, devem ser aceitos porque fazem parte do processo de adaptação da mulher a sua nova vida em outro país. Nos romances "Um Homem sem Compaixão" (HAMPSON, 1977) e "O Vento das Estepes" (CASEY, 1982), existem passagens do texto que caracterizam as relações entre o casal principal como violentas, mas que estão claramente embasadas na descrição das mocinhas como passivas e dependentes e os mocinhos como ativos e dominadores.

Porém, esses padrões de feminilidade e masculinidade se embasam na própria estrutura do enredo. Um dos desenvolvimentos de enredo mais comuns nas obras dessas duas décadas que legitimam esse tipo de entrosamento entre os casais é o fato de as personagens principais pertencerem a diferentes países. A história sempre se desenrola no país natal dos mocinhos e as mocinhas devem se adaptar à cultura local (sempre misógina) para conviver em harmonia com o seu par:

Na Inglaterra é comum que uma mulher entre na casa de um homem e se torne pajem de suas crianças, mesmo que ele não tenha uma esposa. Aqui, infelizmente, isto não é visto com bons olhos; nos preocupamos muito mais com as convenções sociais do que em seu país. Como vê, é indispensável, para a felicidade das crianças, que eu lhe peça que se case comigo. (HAMPSON,1977 p.14)

Nos romances, há uma miscigenação entre natureza e cultura que casa bastante bem com a expectativa de violência que esta literatura encampa. A natureza biológica superior do homem (portador de uma força natural que beira o heroísmo) se mescla à cultura de um país (sempre legitimada como verdadeira, espelhando uma superioridade também de hábitos e costumes) são usadas como justificativa para o comportamento agressivo da personagem central masculina. Muitas vezes, esses dois fatores se inter cruzam para tratar a violência como algo de todo homem e ao mesmo tempo particular de uma cultura:

Holly olhou para ele e não pôde deixar de se impressionar com traços orientais do rosto moreno realçados pelos reflexos vermelhos. Lembrou-se de algo que Alec Wright tinha dito sobre a Turquia. Que era um país localizado entre os continentes asiático e europeu, que tinha influenciado a cultura turca, que não era nem ocidental, nem oriental, mas sim curiosa mistura de ambas. Ao observar os negros olhos mediterrâneos de Arif e os zigomas exóticamente talhados, sentiu que nele havia uma sutil indecisão entre esses dois mundos, um moderno e outro antigo. Pela primeira vez desde que encontrara o rude cavaleiro, Holly ignorou o arrogante macho, pelo qual seu sangue fervia com ímpeto, para enxergar a complexidade do homem em si. Contra a própria vontade, sentiu-se fascinada. (CASEY, 1982 p.44-45.)

— Como você sabe pouco! Eu não daria tanto valor à promessa dele quanto você. Esses orientais são o que são, ou o que a cultura do lugar faz com que eles sejam. Casei-me com um deles e sei disto. Sinto desiludi-la, mas você cometeu o maior erro de sua vida, se pensa que vai manter seu marido de braços cruzados indefinidamente. Os homens não são assim, e

isto não é natural para nenhum de vocês. Oh, Helen, pode confiar na minha palavra. Quando Leon decidir quebrar sua promessa, a quebrará, sem nenhuma cerimônia.

— Mas... e meus sentimentos? Ele deve considerá-los!— Oh, por Deus, Helen! Você não é tão inocente. Quando o homem se dispõe a... a... — Trudy, encolheu os ombros, impaciente, mas completou depois de um momento: — Com o passar do tempo, nem mesmo ele se lembrará de ter feito alguma promessa; portanto, você deve se resignar,(...) (HAMPSON, 1977, p.22-23)

Desta forma, a mulher é sempre retratada como propriedade do homem, o papel feminino é o de servir e obedecer ao marido. Essa situação deve ser tolerada porque é algo comum, óbvio e natural e como ela é "a de fora", ela deve se habituar aos novos "modos", sem esperar respeito pela sua singularidade ou cultura de origem. De acordo com Sadiqi (2008, p.14), cultura é um conceito difícil de delimitar e pode ser entendida como um sistema de práticas e formas de significação de uma comunidade, porém, esse sistema de práticas e significações, nestes romances, não resulta em respeito à diferença, mas em subordinações do feminino ao masculino. Neste contexto, cultura também pode ser entendida como uma teia que entrelaça valores e moralidades, Neste sentido, "o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação da própria cultura" (LARAIA, 2015, p.68).

Dessa forma, a cultura não é algo unificado e estável. No entanto, nesses romances, as práticas da cultura local do homem são percebidas como imutáveis e necessárias para a coesão da vida doméstica e para a estabilidade das relações amorosas. Assim, nestes romances há descrições que justificam o papel dominante do homem, a passividade feminina e a violência verbal, física, sexual e, principalmente, o estupro como algo cultural, típico de um modo de vida. Dessa forma, os comportamentos específicos de cada gênero e as violências no relacionamento heteronormativo dessas histórias não podem ser modificadas, mas cabe a cada personagem se adequar aos modelos pré existentes de feminilidade e masculinidade já definidos nas relações amorosas que desenham.

Porém, como nos lembra Machado (2014), já existe um consenso dos estudos de gênero de que não há uma constância na definição do que é masculino, do que é feminino, do que é heterossexual ou homossexual. Essas definições são construções

sociais e culturais mutáveis. É desafiador perceber, portanto, que esses romances não incorporaram essas reflexões. Contudo, o que nos instiga é entender, a partir dessa “imutabilidade”, que tipo de masculinidade é apresentada nessas obras?

2. As representações da Masculinidade Hegemônica nos Romances Sentimentais

A masculinidade é estruturada por meio da discussão do gênero dentro do âmbito da prática social, tendo em vista que a sociedade é organizada através do conceito de homem e de mulher (CONNELL, 1995). Neste sentido, qualquer prática social é associada ao seu gênero, como posturas e tarefas que são desempenhadas por homens e mulheres, cada um tendo um papel predefinido no social. Por exemplo, o homem como sendo aquele que garante o sustento da família através do trabalho e a mulher a que cuida da harmonia no ar. Assim, nestes romances a figura feminina é representada como dona de casa e responsável pela educação dos filhos.

Nessa perspectiva, esses romances não se constroem sobre uma prática social criadora e inventiva como sustenta Connell (1995) e sim, sob uma prática engessada porém, a vida cotidiana continua, mesmo nestas obras, a responder, como atesta o autor, a situações particulares e a se gestar no seio das estruturas definidas de relações sociais. Assim, nas criações do enredo desses romances, as relações de gênero continuam a ser, como na sociedade que lhes dá respaldo, organizadas por um cenário reprodutivo. Neste sentido, as obras estudadas revelam uma masculinidade hegemônica⁶ (CONNEL, 2015), que representa o homem como sendo o dominador, em especial no âmbito amoroso e familiar, e que tem como base o sistema patriarcal. Neste sistema, o homem subjugaria tanto outros gêneros como outras classes e países ditos inferiores (CAMPOS, 2017). Esse modelo patriarcal estende seus tentáculos, sobretudo, na esfera do casamento no qual os papéis de gênero são estruturados e reproduzidos. Essa masculinidade é representada estabelecendo o homem como sendo uma figura ativa e dominante dentro do relacionamento amoroso. As obras selecionadas refletem, assim, com bastante clareza esse posicionamento:

⁶ Lembramos que Connel (2015) apresenta outros modelos de masculinidade além da hegemônica. Há o modelo baseado na subordinação, que é ocupado pelos homossexuais, há o modelo composto por homens que não fazem parte da camada hegemônica, mas nutrem uma afinidade com o modelo superior de masculinidade e há o modelo marginalizado que é constituída pela relação entre o setor subordinado ou grupos étnicos distintos. Porém, para fins desse trabalho, nos atentaremos ao modelo hegemônico dominante.

- É bastante simples. Você se casou com um camponês, Kyria. Agora vai descobrir como é a vida de uma mulher de camponês. Vai ser muito... instrutivo não é mesmo?

Permaneceram em silêncio por algum tempo. Julia cobriu os olhos com as mãos.

- É alguma brincadeira?

- Não.

- Você espera que eu passe a lua-de-mel aqui, nesta casa.

- Espero muito mais do que isso - retrucou ele, autoritário. - Você vai cozinhar para mim, lavar minhas roupas, limpar a casa e cuidar do jardim. Vai alimentar as galinhas e tirar leite da cabra.

- Não farei nada disso! Você ficou louco? Sou sua mulher, não algum tipo de escrava doméstica e... (...) - Não, você não é minha mulher. Ainda não. É só a mulher com quem me casei. Mas você não tem seu lugar nem na minha cama, nem em meu coração. (...) Julia mal podia falar.

- Eu era uma pessoa tão fácil de impressionar, né? Ou ao menos era o que você imaginara. Um camponês grego vulgar, o usurpador de fortuna da família. Todos os nomes que você me chamou, mostrando desprezo por mim. Mas quando descobriu que eu compraria sua casa, tudo mudou. Você se decidiu a se sacrificar, a inglesa aristocrata e o grego grosseiro. Não é a história da Bela e a Fera? Era como você me via, não, Julia? Como uma fera que você pudesse domesticar? Sente desprezo por mim, mas pensou que poderia me manipular e usufruir do meu dinheiro para viver como bem lhe aprouvesse. [...] (CRAVEN,1988, p.44-45).

Em outros termos, os protagonistas dos romances sentimentais são indivíduos que ressaltam aspectos presentes no padrão de masculinidade hegemônica, como força física, virilidade, riqueza, além do monopólio do domínio sobre o feminino. Tais características são atributos presentes na ideia de masculinidade hegemônica na qual o indivíduo possui uma masculinidade superior a de outros homens que não se encaixam em seus atributos. Nessa óptica, o padrão da masculinidade hegemônica torna-se um ideal de homem dentro da sociedade patriarcal, aquele indivíduo capaz de subjugar todos ao seu redor que estão em posição de inferioridade em relação a sua masculinidade, especialmente, a parceira feminina. Portanto, na sociedade patriarcal o homem não deve demonstrar fraqueza e ser ativo sexualmente, mantendo a postura de macho alfa dentro da esfera social.

De repente, ele se aproximou e, com a arrogância de um rei, pegou em seu queixo e levantou-lhe o rosto. Sarah ficou furiosa. Tentou se desvencilhar dele, mas foi inútil. Drakos tomou-a nos braços com força e beijou-lhe os lábios impetuosamente. Ela ficou tão confusa que sequer reagiu. Nem podia reagir, mesmo que tentasse. Quando a soltou, ele disse:

— Então gostou, não? As mulheres geralmente gostam...

-
- Seu estúpido arrogante! — Olhou-o de cima a baixo e perguntou: — Quem está pensando que é? — Apanhou um lenço e limpou os lábios, mas ele não se abalou.
 - Como ia dizendo, inicialmente pensei em entregá-la à polícia, mas agora, minha Sarah...
 - Não sou sua Sarah!
 - Mas será em breve. Sabe, querida, resolvi ficar com você e não com Pamela. E acho que saí ganhando, pois aquela garota boba não tem o seu temperamento. Nunca dividi meu travesseiro com uma garota que tentasse me enfrentar; acho que a experiência será interessante e instrutiva.[...] (HAMPSON, 1981 p.11).

Assim, os protagonistas dos romances sentimentais são indivíduos que ressaltam aspectos presentes no padrão de masculinidade hegemônica, como força física, virilidade, riqueza, além disso, possuem o monopólio do domínio sobre o feminino. Tais características são atributos presentes na ideia de masculinidade hegemônica na qual o indivíduo possui uma masculinidade acima de outros padrões de masculinidade. Em outro sentido, na linguagem da moralidade, de um lado, o homem viril está sempre à disposição da conquista e sua dignidade, sua “moral”, depende de não dizer não diante de uma oportunidade. Uma suposta traição da parceira, nestes romances, desencandeia, assim, os atos violentos. O jogo do saber/não saber da traição “forçou a situação” que resulta na violência física, sexual e psicológica tão comuns nestes romances. Na linguagem das emoções, a fraqueza masculina estaria em “não aproveitar” a situação. Aí, não interessa sequer saber ao certo se são bonitas ou feias, atrativas ou não, ou se terão ou não prazer sexual, por exemplo, numa relação forçada (MACHADO, 1998).

No prisma moral, a conquista amorosa praticada pelo protagonista do romance sentimental tem por base o uso da força física. O protagonista sempre se aproveita da vulnerabilidade e do medo da parceira para cometer o ato abusivo. As protagonistas são, neste sentido, tratadas apenas como objetos do capricho desses indivíduos que praticam esses atos de violência. Tal sentimento de posse, que é no fundo desejo de dominação, é uma herança do patriarcalismo dentro da estrutura de relacionamento entre homens e mulheres na sociedade que esses romances reproduzem.

Ao emergir, quase sem respiração, Evelyn observou-o sorrir, feliz, o rosto descontraído e amigável. Seu coração ficou de repente muito mais leve só em pensar que ele a perdoara. Com um sorriso nos lábios, nadou em sua direção, mas quando fazia menção de sair foi empurrada novamente por ele com uma violência ainda maior. Dessa vez, Evelyn afundou como uma pedra. Stein devia ter mergulhado logo atrás dela,

pois logo apareceu, pronto para ajudá-la, como se sentisse remorso. Impulsivamente, ela o golpeou na cabeça, com toda a força. Furioso, Stein avançou, dominando-a com facilidade, beijando-a possessivamente a ponto de quase sufocá-la, as mãos explorando as partes mais íntimas do corpo dela, provocando-lhe uma infinidade de sensações enlouquecedoras. Consciente do perigo que corria, Evelyn conseguiu murmurar:

— Solte-me, Stein!

— Vou lhe dar uma lição, sua pirralha atrevida! [...] (PARGETER, 1984, p.54 - 55).

Neste contexto o enredo dos romances sentimentais apresenta uma estrutura de relacionamento amoroso na qual o homem é o sujeito ativo da relação, o que lhe permite ter o controle sobre sua parceira. O homem será aquele que comanda as ações da sua companheira desde a escolha de roupas aos lugares por onde desfilam, qualquer tomada de decisão feminina tem que passar pela aprovação da parte masculina da relação. Esse modelo de relacionamento baseado na dominação masculina hegemônica é basilar dentro da narrativa dos romances sentimentais, sendo o ideal de masculinidade proposto pela literatura sentimental de cunho mais popular como aquela em análise aqui.

Porém, se este é o modelo hegemônico de masculinidade, como se constrói, nestas obras, o modelo feminino?

3. A dicotomia feminilidade-sexualidade na literatura sentimental

Existe um padrão de práticas sociais que influenciam e ajudam na continuação da dominação masculina sobre a feminina que se fundamenta não só numa a masculinidade hegemônica (CONNEL, MASSERSCHMIDT, 2013) bem como em uma feminilidade hegemônica. Essas práticas podem ser influências culturais que fazem que os homens se reconheçam como “homens de verdade” e as mulheres como “verdadeiras mulheres”. Essas práticas se baseiam em atitudes atribuídas ao feminino que são legitimadas no social.

Essas atitudes são conferidas às mulheres desde seus primeiros desenvolvimentos como menina. De acordo com Walkerdine (1999, p.77), “a figura da menina, por contraste, sugere uma patologia não natural: ela trabalha enquanto o menino é brincalhão, ela segue regras enquanto ele trata de quebrá-las, ela é boa, bem comportada, não racional”. Esses posicionamentos, que são ensinados à menina e são desenvolvidas durante a sua adolescência e se solidificando na idade adulta, são

verdadeiros manuais de instruções sobre como agir em relação ao sexo oposto e em relação a outras mulheres.

O estereótipo feminino acaba sendo reduzido a duas formas de identificar as mulheres: se ela exerce muito da sua feminilidade, ela é uma mulher de família, se ela exerce muito da sua sexualidade, é uma prostituta. Sobre isso, afirma Machado (2001, pág. 26) “o feminino, no mundo relacional da honra, é posto no lugar de transição entre a ‘mulher honrada’ e a ‘mulher vagabunda’”. O autor conclui que não se trata de as mulheres escolherem ou serem postas nestas posições, este feminino é inscrito nesta dupla posição. Sendo assim, pode-se dizer que o ponto limite em que uma mulher pode exercer o seu atributo feminino e ser caracterizada como “honrada” ou “vagabunda” é a expressão da sua sexualidade.

Desta forma, não é sozinha que uma criança vai entender o que é essa sexualidade, é através da cultura de um dado local e da intervenção adulta que reproduz essa cultura. É por meio desta cultura que as meninas e os meninos irão se descobrir como seres sexuais e saber quais são as atitudes que devem desenvolver a partir daí para poderem se destacar em suas identidades: a mulher com sua feminilidade/sexualidade e o homem com sua masculinidade, muita vezes, ainda hegemônica.

Essa identidade masculina vai ter algumas características que farão um correlato com a identidade feminina, um dos exemplos “[...] a fraqueza, isto é, a disponibilidade absoluta, a prontidão permanente para ter a mulher como objeto de relação sexual” (MACHADO, 2001, pág. 7), reverbera na identidade feminina porque caso essa prontidão ou fraqueza não seja recompensada pela disposição feminina, tal disposição será conquistada à força, com violência, pelo homem. Nas obras estudadas, o ápice da violência é com certeza, o estupro.

Na obra “O preço de amar” (JORDAN, 1984), essa aberração sexual não só se naturaliza como também se romantiza. O livro tem como personagens centrais, Alexei, um conde, dono de uma das principais vinícolas da França e a doce Helen, de 18 anos, que cresceu em um convento. Alexei raptou Helen do convento com o intuito de vingar-se do pai da moça, mas o conde não consegue ficar indiferente a Helen, ele é constantemente atraído por sua beleza. Por ser muito mais jovem do que ele e ter crescido em um convento, Helen não era como as mulheres mais velhas que Alexei conhecia. Era tímida e não agia de forma sexual, que era a forma como ele queria que ela agisse. Em um determinado momento da obra, Alexei força Helen a ter relações

sexuais com ele e após o acontecido, a moça reflete sobre essa primeira experiência íntima que teve:

Não era completamente ignorante; através de leituras, sabia que algumas mulheres apreciavam o ato sexual, mas sentia que jamais seria uma delas. Tinha a sensação de que a mente e o corpo haviam sido marcados para sempre e experimentava uma intensa necessidade de mergulhar na água e esfregar cada centímetro de pele até apagar toda lembrança do toque de Alexei (JORDAN, 1984, p. 32).

Assim como na obra de Jordan (1984), em “Mulher Comprada” (WHITTAL, 1982), a história é sobre uma moça que teve sua primeira relação sexual forçada. Carolina aceitou a proposta de casar com seu chefe em troca de sua ajuda em quitar as dívidas de seu falecido pai. Gustav, o chefe, um empresário, precisava ter uma esposa para que pudesse herdar os bens de seu pai. Para ambos, portanto, seria um acordo benéfico. Mas, na noite de núpcias, Gustav força a consumação do casamento. Carolina luta ao máximo para escapar da violência, sem sucesso. Depois que tudo aconteceu, Gustav tenta se justificar e fazer que Caroline aceite a situação, dizendo: “a maioria das mulheres não tem prazer na primeira vez. Acho que você não foi uma exceção. [...]” (WHITTAL, 1982, pág. 41). Aqui, espera-se que os atributos femininos defendidos nestas obras, como a docilidade, a passividade, a submissão sirvam para afirmar o domínio do homem sobre a mulher, em todas as esferas da vida, o que culmina no estupro conjugal e em sua aceitação passiva.

Essa mentalidade masculina de acreditar que a feminilidade das mulheres seja expressa de uma única maneira e de uma forma a que não só eles estão acostumados, mas que ao mesmo tempo, possam exercer controle sobre ela, faz que a sexualidade feminina também seja algo a ser explorado de uma mesma forma, como se toda mulher tivesse que ter o mesmo modo de flertar ou de se mostrar disposta a ter relações sexuais ou de recusar atenções indesejadas. A respeito dessa feminilidade “enquadrada”, Machado (1998, p. 243) comenta que:

[...] o feminino é todo ele pensado como objeto e como interdito. O feminino posto unilateralmente pelo imaginário dominante como único objeto da sexualidade passa a ser o objeto por excelência da interdição. Assim, toda a sexualidade feminina é concebida pelo imaginário dominante como aquela que se esquivava para se oferecer (MACHADO, 1998, p. 243).

Assim, nas obras estudadas, para o protagonista, a expressão do feminino adequada será aquela que ao dizer “não” aos seus avanços, na verdade, está dando um sinal positivo para que receba a atenção sexual masculina, pois, a timidez, característica desejada nas mulheres honestas na obra, só encobre o “sim” que não conseguem verbalizar. Assim, nesses romances, quando uma mulher cede facilmente a um flerte ou a sugestão de uma relação sexual, ela é considerada uma depravada, alguém que aceita ficar com qualquer pessoa, uma prostituta, insulto, por sinal, constantes nas obras estudadas, proferido pelos protagonistas, ao julgar, equivocadamente (porque a mocinha nestas décadas é sempre casta e pura), a postura da mocinha, aparentemente desenvolta, como imoral. Segundo Bataille (1989):

A questão é, em princípio, saber a que preço, em que condições, ela cederá. Mas sempre, preenchidas as condições, ela se dá como um objeto. A prostituição propriamente dita não introduz senão a prática da venalidade.(...) Se houve o primeiro gesto de esquiva, aparente negação da oferta, serve para marcar o seu valor (BATAILLE, 1989, p. 126, apud MACHADO, 1998, p. 242)

Essa percepção sobre o feminino, não é, pois, exclusiva dessas obras, é extremamente difundida no cotidiano de milhares de brasileiras. Ser uma mulher e ter seu caráter definido pela forma como suas atitudes são interpretadas pelo homem é um dos pontos culminantes no processo de dominação masculina, que, nestas obras, culmina na violência de gênero.

Considerações Finais

Enfim, através da análise de discurso dos romances selecionados é possível observar uma estrutura amorosa nas décadas de 1970 e 1980 que mostra representações do masculino e do feminino que são não só hegemônicas no enredo, mas na sociedade que dá abrigo a produção em massa de romances sentimentais de cunho popular. Porém, o que mais chama a atenção nas análises realizadas é o fato de que a violência é deflagrada na obra no instante em que os princípios que definem o feminino – docilidade, passividade, submissão, fragilidade – são contestados por posturas mais ativas das mocinhas na trama. Neste momento, a ordem patriarcal é re-estabelecida pela recorrência do uso da violência, quer seja física, psicológica ou sexual.

A análise das obras selecionadas estabelece o fato de que as mulheres devem ter certos tipos de comportamento e desempenhar determinadas funções pré-

estabelecidas numa relação heteronormativa de forma sempre igual, pois, aquela que se diferencia destes padrões é a vítima perfeita nos relacionamentos abusivos que a trama naturaliza, legitima e romantiza. Em outros termos, todos romances analisados, que são modelos exemplares dos romances de banca das décadas selecionadas, possuem em comum a dominação masculina que se desdobra em violência sexual contra a mulher. De uma forma geral, a violência de gênero ali desenhada é justificada como resultado de uma superioridade biológica do homem mas também como resultado de uma cultura dita superior na qual o homem está inserido e para a qual a mulher deve, passivamente, se adaptar.

Bibliografia

- ANDRADE, Roberta Manuela Barros; SILVA, Erotilde Honório. **Um século de romances de amor**: a trajetória da literatura sentimental no Brasil (1920-2020). Columbia: Independently Published, 2020.
- CAMPOS, Carmen Hein de et al. **Cultura do estupro ou cultura antiestupro ?**. Rev. direito GV, São Paulo, v. 13, n. 3, pág. 981-1006, dezembro de 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322017000300981&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/2317-6172201738> .
- CAMPOS, Andrea Almeida. **A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais**. Revista Espaço Acadêmico - n.183 - Agosto/2016.
- CASEY, D. **O Vento das Estepes**. Super Sabrina: edição dupla, Abril, 1982.
- CONNELL, Robert W. **Masculinities: knowledge, power and social change**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNEL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, Vol. 21, nº 1, Abril, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 04/08/2021.
- CRAVEN, Sara. **Viagem sem volta**. ed. Cultural, São Paulo, 1988.
- GOMES, M, C. **Violência de gênero e a crise da Masculinidade**. Rev. Fórum identidades, Itabaiana, GEPIADDE, Ano 10, vol. 21, mai - ago 2016.
- HAMPSON, Anne. **O homem dos olhos de aço**. Ed. Cultural, 1981.
- HAMPSON, A. **Um Homem sem Compaixão**. Sabrina: as mais belas histórias de amor n 02, Abril, 1977.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA(2020). **Atlas da violência**. Disponível em <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>, acessado em 11/04/2021.
- JORDAN, Penny. **O preço de amar**. Nova Cultura. São Paulo, 1997
- LARAIA, R, D, B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. Reimpressão 27, 2015.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidade, Sexualidade e Estupro**: As construções da virilidade. Cadernos pagu(11)1998: pp.231-273.
- MACHADO, L. Z. **Interfaces e deslocamentos**: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia. Cafajeste. Pagu, Campinas, n. 42, pág. 13-46, junho de 2014. Disponível

em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100013 & lng=en&nrm=iso>.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidade, sexualidade e estupro**: as construções da virilidade. Cadernos Pagu, n.º. 11. Campinas, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634634>. Acesso em 5 de abril de 2021.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e Violências**: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. Série Antropologia, Brasília, n.º 290, 2001. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=7zhgxs4AAAAJ&citation_for_view=7zhgxs4AAAAJ:ldfaerwXgEUC.

Acesso em: 04/08/2021.

MENESES P. . **Etnocentrismo e Relativismo Cultural**: algumas reflexões. Revista Gestão & Políticas Públicas, v 10, n. 1, 2020. Disponível em : <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/183491>

PARGETER, Margaret. **Caminhos do Perdão**. Editora Abril, 1984.

SADIQI, F. **Esteriótipos e Mulheres na Cultura Marroquina**. Cadernos Pagu , Campinas, n. 30, pág. 11-32, junho de 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000100003&lng=en&nrm=iso>.

SANTOS, C, F, D, S; ANDRADE, M, J, E. **A naturalização da violência de gênero na contemporaneidade**. In Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. 16 n. 1 2018 Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23228/16345&ved=2ahUKEwjGpJ-91o3wAhWMJrkGHafuBX0QFjACegQIGxAC&usq=AOvVaw1_LibCOMuZocPXWHCOZM91

SOUZA, M.F. **As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)**. Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais. Mediações, Londrina, v.14, n.2, p. 123 - 144, jul/ dez. 2009.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995

WALKERDINE, Valerie. **A cultura popular e a erotização das garotinhas**. Educação e Realidade, ed. 24, n.º. 2. Rio Grande do Sul, 1999.

WHITTAL, Yvonne. **Mulher Comprada**. Nova Cultura. São Paulo, 1982.